

CRENÇAS SOBRE AS DIFICULDADES DOS ALUNOS NO APRENDIZADO DE JAPONÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA

BELIEFS ABOUT STUDENTS' DIFFICULTIES IN LEARNING JAPANESE AS A FOREIGN LANGUAGE

Lucas Fernandes de Vasconcellos¹

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-2469-2350>

Yûki Mukai²

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-9618-7743>

Recebido em: 13/12/2020

Aprovado em: 11/01/2021

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo investigar as crenças e dificuldades dos discentes de nível intermediário do Curso de Licenciatura em Língua Japonesa da Universidade de Brasília, sobre o aprendizado de língua japonesa. Para isso, este estudo alicerçou-se no arcabouço teórico para a definição e discussão sobre a língua japonesa, as crenças, além da compreensão das importâncias acer-

ABSTRACT

This paper aims to investigate the beliefs and difficulties of intermediate level students of the Japanese Language Course at the University of Brasilia, about their Japanese language learning. For that, this study was based on the theoretical framework for the definition and discussion about the Japanese language and beliefs, in addition to the understanding of the importance of language skills and their respective difficul-

¹ Bolsista da Cnpq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). Aluno do Curso de Letras-Japonês da Universidade de Brasília.

² Doutor em Linguística Aplicada. Professor Associado do Instituto de Letras da Universidade de Brasília.

ca de habilidades linguísticas e suas respectivas dificuldades. Dessa forma, utilizou-se de subsídio teórico-metodológico da pesquisa quanti-qualitativa, viabilizada pela abordagem interpretativa e engajada em um estudo de caso coletivo. A pesquisa foi desenvolvida com 26 participantes do curso acima referido. Para a coleta de dados, foram utilizados os instrumentos a seguir: a) questionário semiaberto, b) autorrelatos e c) entrevistas semiestruturadas. Os resultados desta pesquisa mostraram que os participantes consideram a conversação como principal habilidade linguística no aprendizado de japonês e, concomitantemente, a conversação é entendida como uma habilidade difícil por eles. Foi revelado, também, que existe a dualidade entre as crenças e ações, as quais influem de modo multinível na importância atribuída às habilidades linguísticas e conseqüentemente em suas respectivas dificuldades.

Palavras-chave: Crenças. Dificuldades. Ações. Aprendizado. Língua Japonesa.

ties. Thus, this is an interpretative study with a theoretical-methodological framework from quantitative and qualitative research, using a collective case study as a method. The research was carried out with 26 participants of the course mentioned above. For data collection, the following instruments were used: a) semi-open questionnaire, b) self-reports and c) semi-structured interviews. The results of this research showed that the participants consider conversation the main language skill in learning Japanese and, at the same time, conversation is understood by them as a difficult skill. It was also revealed that there is a duality between beliefs and actions, which have a multilevel influence on the importance attributed to language skills and consequently on their respective difficulties.

Keywords: Beliefs. Difficulties. Actions. Learning. Japanese language.

1. Introdução

No contexto de ensino-aprendizagem de língua japonesa no curso de Letras-Japônês da Universidade de Brasília (doravante UnB), são comumente observadas as queixas dos alunos em relação às dificuldades específicas na aprendizagem de japonês como língua estrangeira (doravante JLE) como, por exemplo, “aprender ideogramas japoneses é uma tarefa árdua”, “aprender a gramática do discurso/pragmática em língua japonesa é difícil”. O primeiro caso trata das dificuldades no aprendizado de ideogramas devido à sua enorme quan-

tidade, conforme afirma Oliveira (2013). O segundo caso deve-se à ausência de linguagem de tratamento e marcadores de polidez similares aos da língua japonesa na língua portuguesa.

As dificuldades acima referidas devem-se à distinção entre o português e o japonês que é a língua-alvo dos participantes desta pesquisa. Entre as diferenças da língua japonesa e portuguesa, destacam-se os sistemas de escrita de ambas as línguas. Isto é, o português que é a língua materna dos participantes tem o sistema alfabético como sistema de escrita, enquanto o japonês tem um sistema de escrita misto baseado em ideogramas e fonogramas. O sistema de escrita japonês exige empenho e demanda grande esforço por parte dos aprendizes (OLIVEIRA, 2013), o que o torna um fator de recorrente queixa entre os alunos de japonês como língua estrangeira (doravante JLE). Outro aspecto, que pode evidenciar a dificuldade relatada por alunos, é a própria estrutura da língua em que o japonês é SOV (sujeito-objeto-verbo), ou seja, o verbo vem no final da frase, diferentemente da ordem canônica do português SVO (sujeito-verbo-objeto).

A justificativa da realização desta pesquisa deve-se ao fato de que, até hoje, a maioria das pesquisas desenvolvidas no ensino-aprendizagem de língua japonesa no Brasil não tem se voltado para as questões de crenças sobre o aprendizado geral de japonês (MUKAI, 2016), nem as dificuldades dos alunos na aquisição de japonês como língua estrangeira. Ainda, no Brasil há uma grande carência de livros que envolvam a gramática pedagógica de JLE escrita em português, sendo a maioria publicada em japonês e inglês. Desse modo, percebe-se a importância da realização de estudos que envolvam as crenças dos alunos de JLE sobre o seu próprio aprendizado e dificuldades.

Seguindo esse raciocínio, esta pesquisa tem como objetivo identificar as crenças sobre o aprendizado geral de JLE e as dificuldades dos alunos de nível intermediário do curso de Letras-Japonês da UnB. Para alcançar tal objetivo, foram elaboradas as seguintes perguntas: (1) Quais as crenças sobre o aprendizado geral de japonês como língua estrangeira?; (2) Quais as crenças sobre dificuldades no aprendizado de japonês?; (3) Como as crenças dos alunos estão relacionadas com suas respectivas dificuldades?

2 Fundamentação teórica

2.1 Língua japonesa

De acordo com Mukai e Suzuki (2016), a língua japonesa é caracterizada por ser, acima de tudo, aglutinante, ou seja, estabelece a relação gramatical por meio de partículas (*joshi*) e

auxiliares verbais (*jodôshi*), diferente da língua portuguesa e outras flexivas que fazem essa relação pela ordem das palavras.

A língua japonesa é distinta da língua portuguesa, em que os nomes podem ser flexionados em número e gênero. Para se expressar tais características em japonês, podem ser usados os sufixos de pluralidade, repetição de palavras, mas, geralmente, é possível extrair a singularidade e pluralidade do contexto (SUZUKI, 1995, p.18).

Em termos sintáticos, a ordem da língua japonesa é sujeito, objeto e verbo (SOV), enquanto a língua portuguesa possui a ordem frasal canônica sujeito, verbo e objeto (SVO). Assim, na língua japonesa expressa-se “alguém algo faz”, enquanto na língua portuguesa se enuncia “alguém faz algo”.

Quanto ao sistema de escrita, há três sistemas gráficos além das letras romanas que possuem o uso ocasional. São eles: ideogramas (*kanji*), os quais são caracteres de origem chinesa; e dois silabários *hiragana* e *katakana*, os quais são derivações dos ideogramas criadas pelos japoneses para adequar-se melhor à gramática japonesa (SUZUKI, 1985).

2.2 Crenças

Segundo Barcelos (2001), as crenças podem ser ideias e opiniões que os alunos e professores possuem em relação ao processo de ensino-aprendizagem de línguas.

No período em que os estudos de crenças dos aprendizes se popularizaram, as crenças eram apenas “conceitos e preconceitos relativos ao estudo de determinada língua estrangeira” (HORWITZ, 1987) ou como sinônimo de conhecimento metacognitivo (WEDEN, 1999). Segundo as autoras, as crenças eram concebidas como estáveis e imutáveis, sendo geradas na mente do aprendiz. Assim, naquele período, era necessário que as crenças fossem somente identificadas, ignorando a vida pregressa, ações, contexto social e cultural nos quais os estudantes estavam inseridos. No entanto, Barcelos (2004) discorda que as crenças seja apenas metacognitivas, nas palavras da autora:

[...] as crenças não são somente um conceito cognitivo, mas também social, porque nascem de nossas experiências e problemas, de nossa interação com o contexto e da nossa capacidade de refletir e pensar sobre o que nos cerca. (BARCELOS, 2004, p.132).

Barcelos (2006) define crenças mais especificamente como:

uma forma de pensamento, construções da realidade, maneiras de ver e perceber o mundo e seus fenômenos, co-construídas em nossas experiências resultantes de um processo interativo de interpretação e (re)significação. Como tal, crenças são sociais (mas também individuais), dinâmicas, contextuais e paradoxais (BARCELOS, 2006, p.18).

Mukai (2014), por sua vez, complementa a definição de crenças de alunos como:

crenças dos alunos, especificamente, formam e são formadas interativa e socialmente no contexto micro (uma escola, sala de aula) e macro (uma sociedade onde eles estão inseridos), a partir do conhecimento transmitido pelos professores, conhecimento construído com base nas influências de outros colegas, experiências (educacionais) anteriores/presentes e contatos com pessoas influentes no âmbito pedagógico.

Por meio dos autores supracitados, percebemos que as crenças possuem um aspecto interativo social proeminente, além da possibilidade de (re)significação, conforme Barcelos (2006) estabelece. Em outras palavras, as crenças são construídas na esfera individual e social, permitindo uma constante de significar e ressignificar por meio das experiências presentes e passadas.

Ainda, de acordo com Rokeach (1968 apud BARCELOS, 2007), as crenças agrupam-se em crenças centrais e outras periféricas. As centrais são mais entranhadas com o indivíduo, portanto são mais difíceis de serem ressignificadas. Conforme Almeida Filho (1993) nomeia a sobreposição de crenças, consequentemente as crenças periféricas são mais maleáveis, o que vai de contraponto com “conceitos e preconceitos relativos ao estudo de línguas estrangeiras” (HORWITZ, 1987) ou como sinônimo de conhecimento metacognitivo (WEDEN, 1999).

3. Metodologia

Esta pesquisa tem uma abordagem mista, ou seja, quanti-qualitativa (DENZIN; LINCOLN, 2006, CRESWELL, 2007) de caráter exploratório (GIL, 2008, p. 27) por ainda ser um campo pouco pesquisado. A natureza de pesquisa é interpretativa. Propomos um estudo de caso coletivo (STAKE, 1994) para que possamos entender as crenças e as dificuldades dos alunos do nível intermediário de Língua Japonesa perante o aprendizado de JLE.

O contexto desta pesquisa encontra-se entre os discentes do Curso de Licenciatura em Letras-Japonês da UnB de nível intermediário no aprendizado de JLE. Os alunos desse nível foram selecionados, pois possuem maior experiência no estudo de JLE. Convidamos 65 alunos³ a participarem da primeira etapa da pesquisa (questionário), dos quais 26 participaram (cf. quadro 1).

QUADRO 1 – PERFIL DOS PARTICIPANTES

Pseudônimo	Semestre	Idade	Gênero	Nível	Certificado	Estudo (meses)	Japão	Estadia no Japão (meses)
Morita	5°	19	F	N3	Não	48	Não	
Lud	7°	23	F	N2	Sim	60	Sim	36
Ian	6°	24	F	N4	Não	48	Não	
Anony157	5°	20	F	N4	Não	30	Não	
Aluno S	7°	21	F	N3	Não	102	Não	
Agnes	8°	27	F	N4	Não	156	Não	
Lilly	5°	20	F	N5	Não	36	Não	
Bru	7°	22	M	N4	Não	42	Não	
Juliet	7°	20	F	N4	Não	36	Não	
Ping-pong	8°	22	F	N1	Sim	96	Sim	12
Eli	6°	22	M	N4	Não	36	Não	
Jojo	7°	21	M	N3	Não	36	Não	
Itachi Uchiha	6°	20	M	N3	Sim	36	Não	
Atlas	7°	21	M	N3	Não	42	Não	
Vini	7°	21	M	N3	Não	36	Não	
KanjiAzul	7°	26	M	N4	Não	48	Não	

³ O termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) foi enviado para o *e-mail* de 65 alunos. Informamos, ainda, que o presente projeto foi submetido à análise ética no CEP UnB – Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Brasília, em 11 de novembro de 2019 e foi aprovado em 9 de dezembro de 2019. O código do Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) é 25436419.0.0000.5540 e o número do comprovante é 147942/2019.

Pseudônimo	Semestre	Idade	Gênero	Nível	Certificado	Estudo (meses)	Japão	Estadia no Japão (meses)
Aah	7°	21	F	N4	Não	60	Não	
Ma	7°	21	F	N4	Não	60	Não	
Gilli	6°	33	M	N4	Não	30	Não	
Lmika98	6°	21	F	N3	Sim	S.D.	Sim	12
SuGuang	7°	22	M	N4	Não	36	Não	
Silrunes	6°	22	F	N4	Não	36	Não	
She	9°	32	F	N3	Sim	240	Não	
Cho	6°	27	M	N4	Não	36	Não	
Fá	6°	24	M	N3	Não	36	Não	
Noir	7°	20	F	N3	Sim	66	Não	

Fonte: autoria própria

Obs.: Nível: Refere-se ao nível de proficiência em japonês (*Japanese Language Proficiency Test – JLPT*)

Certificado: Refere-se ao participante possuir ou não certificado de proficiência em japonês.

Dentre os 26 participantes, a média de idade foi de 22,76 anos e a disparidade de gênero pendeu para 57,69% de indivíduos do gênero feminino. O tempo de estudo de JLE dos participantes foi em média de 59,52 meses e o nível de proficiência em JLE dos alunos mostrou-se como segue: N1, 3,8%; N2, 3,8%; N3, 38,5%; N4, 50%; e N5, 3,8% (níveis referentes ao JLPT).

Para a realização deste estudo de caso, foram utilizados os seguintes instrumentos nesta ordem: questionário semiaberto (aberto e em escala) baseado no *Beliefs about Language Learning Inventory – BALLI* (HORWITZ, 1987) (*Google Forms*), autorrelato (*Google Forms*) e entrevista semiestruturada (*Microsoft Teams*) (cf. apêndice A), no formato *online*. Devido à pandemia de COVID-19, todas as etapas de coleta de dados foram aplicadas de modo *online*. Quanto ao autorrelato e à entrevista, foram aplicados a somente três participantes Bru, Ian e Juliet que demonstraram as maiores dificuldades na aprendizagem no questionário⁴. Todos os instrumentos acima citados foram aplicados no período de março a agosto de 2020.

⁴ Apresentaram a média mais elevada na soma das dificuldades contidas na questão 6 do questionário semiaberto (cf. Apêndice A).

Os procedimentos para a análise dos dados foram realizados, seguindo o roteiro abaixo:

- a. Coleta de dados por meio de questionário semiaberto (cf. apêndice A);
- b. Classificação dos dados numéricos no que se refere às crenças dos alunos em tabelas que são organizadas de modo que observamos o número de participantes que selecionou cada grau de concordância com as afirmativas;
- c. Aplicação de autorrelato e entrevista semiestruturada;
- d. Descrição no que se refere às crenças e dificuldades;
- e. Análise de conteúdo dos dados coletados (BARDIN, 2011; FLICK, 2013, 2009; MINAYO *et. ali.*, 2002);
- f. Identificação das crenças e dificuldades dos participantes;
- g. Categorização das crenças e dificuldades dos participantes;
- h. Triangulação dos dados quantitativos e qualitativos coletados por meio do questionário semiaberto, autorrelato e entrevista semiestruturada (DENZIN; LINCOLN, 2006; FLICK, 2007, 2009, 2013; TRIVIÑOS, 1987);
- i. Análise e discussão no que se referem às crenças sobre o aprendizado geral de japonês e as dificuldades dos participantes.

Com relação ao item (b) acima, no questionário em escala, os participantes responderam a cada afirmativa em uma escala de 5 pontos que são distribuídos como “1. Concordo plenamente / Muito difícil (5 pontos), 2. Concordo / Difícil (4 pontos), 3. Não concordo nem discordo / Nem fácil nem difícil (3 pontos), 4. Discordo / Fácil (2 pontos) e 5. Discordo plenamente / Muito fácil (1 ponto)”. Após responderem a todas as afirmativas do inventário, calculamos a média dos valores de cada afirmativa que os participantes atribuíram.

4 Análise e discussão de dados

4.1 Crenças dos alunos sobre o aprendizado geral de japonês como LE

Abaixo encontram-se os resultados obtidos em relação à concordância atribuída pelos participantes em relação às crenças no aprendizado geral de JLE:

QUADRO 2 – CRENÇAS NO APRENDIZADO GERAL DE JLE

	CP	C	C/D	D	DP	Média
(1) Tradução é importante.	6	4	13	2	1	3,46
(2) Japonês é a língua mais difícil de aprender.	1	5	5	7	8	2,42
(3) Estudar japonês sozinho é importante.	13	10	0	0	3	4,15
(4) É possível aprender japonês sem aprender gramática.	4	4	6	6	6	2,76
(5) Livros didáticos são importantes.	7	10	7	0	2	3,76
(6) Aulas expositivas são importantes.	9	13	2	0	2	4,03
(7) Algumas pessoas são mais aptas que outras no aprendizado de japonês.	9	8	4	3	2	3,73
(8) Aulas práticas são importantes.	18	4	2	0	2	4,38
(9) Motivação é importante.	22	2	0	0	2	4,61
(10) Estar em contato com a cultura ajuda na aquisição do idioma.	19	2	3	0	2	4,38
(11) Ter contato com nativos é importante.	12	9	1	2	2	4,03
(12) A língua japonesa me soa estranha de difícil compreensão.	1	1	5	10	9	2,03
(13) Só é capaz de conseguir fluência na língua quem faz intercâmbio ou viaja constantemente para o Japão.	2	4	8	4	8	2,53
(14) Qualquer um é capaz de conseguir fluência na língua japonesa.	6	7	6	5	2	3,38
(15) É importante fazer produção escrita.	9	7	5	2	3	3,96
(16) É importante entender o funcionamento da língua para fala.	7	12	2	0	5	3,61
(17) É mais importante saber ler ideograma do que escrever.	8	11	4	1	2	3,84

	CP	C	C/D	D	DP	Média
(18) Aprender japonês não é difícil.	2	4	8	9	3	2,73
(19) A pronúncia do japonês é difícil.	2	0	2	6	16	1,69
(20) As palavras são difíceis de aprender.	3	4	7	8	4	2,76
(21) Ler muito é importante para aprender japonês como língua estrangeira.	12	8	0	4	2	3,61

Fonte: própria autoria

Obs.: CP = Concordo plenamente; C = Concordo; C/D = Não concordo nem discordo; D = Discordo; DP = Discordo plenamente.

A maioria dos alunos concordou com três afirmativas da questão 4 do questionário (cf. apêndice A), como segue: “As aulas práticas são importantes” (média 4,38); “A motivação é importante” (média 4,61) e “Estar em contato com a cultura ajuda na aquisição do idioma” (média 4,38). Ainda, os participantes acreditam que ser um aprendiz autônomo é importante, conforme podemos ver na afirmativa “Estudar japonês sozinho é importante” (média 4,15). No entanto, ao mesmo tempo, não descartam a necessidade de aulas expositivas e práticas. Por serem alunos que não estão inseridos em um contexto no qual possam praticar japonês constantemente fora de sala de aula, eles acreditam em uma maior necessidade de aulas práticas, conforme é apontado, por exemplo, pelo participante Fá.

[1] Para se aprender uma língua estrangeira, precisamos usar ela na prática. Não se pode ficar apenas na teoria. (Fá⁵, 6º semestre, questionário)

Conforme mostram os resultados do questionário, é interessante salientar que os alunos, em sua maioria, não acreditam que a língua japonesa seja de difícil compreensão, o que talvez possa estar relacionado com o fato de eles não considerarem a pronúncia do japonês como difícil.

A maioria dos participantes (42,3%)⁶ acredita que o mais importante no estudo de JLE é a conversação. Ou seja, percebemos que, entre as habilidades linguísticas, a produção oral é intuitivamente a mais relevante, corroborando com UR (1996, p. 120 apud BARCELOS;

⁵ Os nomes dos participantes referidos no decorrer da pesquisa são fictícios, visando garantir o anonimato e sigilo deles.

⁶ Valor obtido por meio do questionário. Os participantes acreditam que as seguintes habilidades linguísticas são mais importantes no aprendizado de JLE: conversação (42,3% dos participantes); compreensão oral (23,1%); vocabulário (23,1%); gramática do discurso/pragmática (7,7%); e leitura (3,8%).

SANTOS, 2018, p. 17), e que o aprendizado de uma língua estrangeira pressupõe o objetivo de conseguir se comunicar (MICCOLI, 2010, p. 151).

Segundo as respostas dos participantes, é uma questão de prática. Os alunos afirmam que, se uma criança aprende a falar a língua materna por meio de conversação, os alunos de JLE também devem aprender da mesma forma.

[2] Acredito que o foco geral de aprender uma língua estrangeira é aprender a conversar e desenvolvê-la para ter uma boa comunicação com nativos do país ao qual você planeja estudar a língua. (Aluno S, 7º semestre, questionário)

[3] A gente aprende nossa língua materna como? Escrevendo, lendo? Não, o primeiro contato é conversação e é a única coisa que o curso não oferece. (Morita, 5º semestre, questionário)

Para a maioria dos participantes, a capacidade de comunicar-se em japonês está diretamente relacionada com a prática no idioma, ou seja, se não houver a prática em conversação, não será obtida a capacidade de comunicação.

Considerando as outras habilidades, seis (23,1%) alunos participantes acreditam que o vocabulário é a habilidade mais importante e outros seis (23,1%) acreditam que a compreensão oral é a habilidade mais importante no estudo de JLE. Aqueles que consideram o vocabulário mais importante afirmam que a língua é composta pelo vocabulário e mesmo sem saber outra habilidade como a gramática, é possível entender o que seu interlocutor diz.

[4] O vocabulário é uma parte fundamental para a compreensão de textos e leituras. Lendo você consegue compreender melhor a gramática o que desencadeia uma série de desbloqueio dos conhecimentos. (Anony157, 5º semestre, questionário)

Em contraposto, os participantes que consideram a compreensão oral mais importante afirmam que ela precede a conversação e dizem ser a base do aprendizado.

[5] Tudo começa na compreensão da língua falada, crianças pequenas não conseguem conversar mas entendem o que vc [você] fala pra elas [...] As coisas funcionam através de etapas primeiro a gente tenta compreender o básico pra depois passar para um estudo mais profundo da gramática. Você deve concordar que regras e mais regras gramaticais vão ser totalmente inúteis na hora de tentar falar com um japonês. (Juliet, 6º semestre, questionário)

Considerando as opções mais escolhidas pelos participantes, i.e., conversação, compreensão oral e vocabulário, é possível perceber duas grandes diferenças, como segue: os

participantes que escolheram a conversação e a compreensão oral, não consideram, no geral, a leitura, a escrita e a gramática como fatores fundamentais para o aprendizado de JLE. Eles creem que essas habilidades vão ser adquiridas na medida em que vão se dispor de mais contato com o idioma. Em contrapartida, os participantes que acreditam no vocabulário como a mais importante das habilidades possuem um apreço pela gramática, leitura e escrita, e creem que conhecer muitos vocábulos favorece o seu conhecimento em outras habilidades.

4.2 Crenças sobre as dificuldades dos alunos no aprendizado de JLE

Baseado nos resultados da questão 6 do questionário, entre as habilidades apontadas como mais difíceis pelos participantes, os dados foram organizados quantitativamente de acordo com o número de participantes e a média dos valores obtidos para cada afirmativa. Abaixo encontram-se os resultados obtidos em relação ao nível de dificuldade atribuído pelos participantes para com as habilidades:

QUADRO 3 – DIFICULDADES NO APRENDIZADO DE JLE

	MD	D	D/F	F	MF	Média
(1) Gramática	1	3	11	8	3	2,65
(2) Escrita (ideograma)	8	7	3	7	1	3,53
(3) Escrita (redação)	6	12	2	5	1	3,65
(4) Vocabulário	2	5	6	11	2	2,76
(5) Leitura	3	9	7	0	7	3,08
(6) Compreensão oral	2	2	9	4	9	2,38
(7) Conversação	8	3	4	7	3	3,11
(8) Gramática do discurso	4	8	4	9	1	2,80

Fonte: própria autoria

Obs.: MD = Muito difícil; D = Difícil; D/F = Nem fácil nem difícil; F = Fácil; MF = Muito fácil

A escrita (redação) destaca-se com a maior média (média 3,65), seguido pela escrita (ideogramas) (média 3,53), o que foi revelado, também, nos excertos abaixo:

[6] Acho [escrever redação difícil]. Com certeza os *kanjis*, porque (+) não é uma coisa (.) que tá próxima da nossa língua materna. [...] Não faz parte da nossa língua materna e também não é uma coisa que você está acostumado [...]. Geralmente (.) eu não sou uma pessoa que estuda muito nessa parte [redação] [...] mas quando eu tenho que estudar alguma coisa [...] (Juliet, 7º semestre, entrevista)

[7] Até o momento, eu considero o estudo de *kanji* e o motivo é porque eu tenho muita dificuldade de decorar os ideogramas e entender também as diferenças entre as leituras *kunyomi* [leitura japonesa] e *onyomi* [leitura chinesa], apesar de que a leitura me ajuda um pouco, mas:: em si no significado da leitura eu tenho muita dificuldade. (Ian, 6º semestre, entrevista)

[8] [...] o japonês utilizar do sistema de ideogramas para ser transcrito. Essa é a minha maior dificuldade em aprender o idioma [...] A maioria das palavras tem a transcrição com o uso mais de *kanjis* [ideogramas] do que de *kanas* [fonogramas], e eu particularmente tenho muita dificuldade para lembrar dos símbolos. (Ian, 6º semestre, autorrelato)

[9] O japonês assusta bastante por ter uma parte visual complexa mas assim que você “trás a tona” o significado e a leitura você tem um novo horizonte mas quando você sabe o significado dos *kanji* mas não lembro a parte da gramática ... Isso lasca com tudo. (Juliet, 7º semestre, autorrelato)

Outra habilidade que identificamos como difícil, dado o seu valor médio, é a conversação (média 3,11). Convém lembrar que foi a habilidade considerada mais importante pelos participantes (cf. seção 4.1). Essa dificuldade pode estar relacionada às crenças que os alunos possuem em relação ao ambiente de estudos. Nos excertos [10] e [11], podemos ver uma dificuldade do uso da língua em sala de aula.

[10] [...] muito do que deve-se aprender é passado em teoria e pouco é usado efetivamente [...]. Percebo um comportamento onde eu sinto que devo falar algo em japonês quando sei que o que vou falar está correto, [...] em uma sala de aula eu tenho que praticar e fazer o melhor que der e se não acho que o melhor que consigo fazer será suficiente para suprir a demanda do ambiente, por vezes eu evito fazer [...] (Bru, 7º semestre, autorrelato)

[11] Pesquisador: Quando você tem oportunidade para falar em japonês fora da sala de aula, você se sente à vontade?

Ian: Não / mas novamente é por conta do bloqueio que eu tive em sala de aula. Como eu já tive o bloqueio em sala de aula, eu sinto que eu não conheço nada [...] (Ian, 6º semestre, entrevista)

Considerando os itens de maior dificuldade acima citados, percebemos que as habilidades referentes à escrita e à conversação estão em aspectos diferentes. Pois, enquanto as habilidades referentes à escrita não foram julgadas como importantes no aprendizado de JLE, a conversação desempenha um papel de protagonismo no aspecto importância (cf. seção 4.1). Apresentada a distinção dessas habilidades, notamos que a escrita de ideogramas está diretamente relacionada com a crença de que o aprendizado de ideogramas é uma tarefa árdua. Por outro lado, a dificuldade em relação à habilidade de conversação pode estar sustentada na crença de que os alunos não percebem o âmbito de estudo de JLE como ambiente favorável para a prática da conversação.

4.3 Relação entre as crenças sobre o aprendizado geral de japonês com suas práticas

Segundo os resultados da questão 5 do questionário, relacionada às práticas e habilidades linguísticas no aprendizado de JLE, os dados foram organizados quantitativamente de acordo com o número de participantes e a média dos valores obtidos para cada afirmativa. Abaixo encontram-se os resultados obtidos em relação à concordância atribuída pelos participantes para cada afirmativa:

QUADRO 4 – PRÁTICAS E HABILIDADES LINGUÍSTICAS NO APRENDIZADO DE JLE

	CP	C	C/D	D	DP	Média
(1) Pratico japonês de modo geral.	5	8	5	7	1	3,34
(2) Estudo a gramática.	5	13	6	0	2	3,73
(3) Estudo os ideogramas japoneses.	7	6	9	0	4	3,46
(4) Estudo o vocabulário.	6	11	4	4	1	3,65
(5) Leio textos em japonês.	4	8	5	6	3	3,15
(6) Pratico a compreensão oral.	11	9	2	3	1	4
(7) Pratico a conversação em japonês.	6	4	7	7	2	3,19
(8) Estudo a gramática do discurso.	4	5	7	7	3	3

	CP	C	C/D	D	DP	Média
(9) Sei bem a gramática.	4	10	6	4	2	3,38
(10) Sei bem os ideogramas japoneses.	3	9	8	1	5	3,15
(11) Sei bem o vocabulário.	3	9	11	2	1	3,42
(12) Sei ler bem textos em japonês.	3	7	8	7	1	3,15
(13) Entendo quando falam em japonês.	11	4	8	2	1	3,84
(14) Sei a gramática do discurso.	3	9	8	5	1	3,30
(15) Considero-me apto no aprendizado de japonês.	4	6	7	4	5	3
(16) Esforço-me muito para aprender japonês.	6	4	6	7	3	3,26

Fonte: própria autoria

Obs.: CP = Concordo plenamente; C = Concordo; C/D = Não concordo nem discordo; D = Discordo; DP = Discordo plenamente.

Os itens que se destacaram positivamente foram a prática da compreensão oral (média 4,0), a habilidade de compreensão oral (média 3,84) e o estudo da gramática (média 3,73). Por outro lado, os itens menos favoráveis ficaram empatados com o mesmo valor médio: o estudo da gramática do discurso (média 3,0) e a autoafirmação de aptidão no aprendizado de JLE (média 3,0). Os itens que estão empatados no segundo valor médio mais baixo foram a prática de leitura (média 3,15), as habilidades de ler ideogramas (média 3,15) e ler textos em japonês (média 3,15).

Percebemos, por meio das respostas das questões abertas do questionário, autorrelato e entrevista, que a compreensão oral e sua respectiva prática são a habilidade com a qual os participantes conseguem um contato mais frequente, portanto, apresentam maior prática e facilidade. Por outro lado, a gramática mostra-se uma habilidade complexa, sendo uma habilidade que não é julgada como fundamental, mas sim como secundária no aprendizado de JLE. Entretanto, a gramática é um conjunto de conhecimento linguístico normativo no qual identificamos o empenho dos participantes e que foi considerada fácil. Talvez essa contradição possa ser explicada pelo contexto dos participantes, conforme Barcelos (2001). Os participantes Bru e Ian afirmaram que a sala de aula é um lugar para se aprender a gramática, e esse estudo recorrente em sala de aula ocasiona na prática da habilidade e em sua respectiva facilidade.

4.4 Relação entre as crenças sobre as dificuldades e as importâncias referentes às habilidades linguísticas

Notamos que a relação das crenças sobre as dificuldades e as crenças relacionadas às habilidades é complexa. A habilidade de compreensão oral é considerada como fácil e, ao mesmo tempo, está entre as habilidades mais importantes. Ainda, foi revelado que sua prática é muito exercitada pelos alunos, conforme podemos observar nos excertos seguintes:

[12] Vejo vídeos em japonês que ensinam gramática para níveis de JLPT, leio notícias em japonês e me mantenho em contato com a cultura pop japonesa com animes, programas, canais no YouTube e Terrace House na Netflix. (Lilly, 6º semestre, questionário)

[13] Bru: Normalmente eu vejo uma coisinha ou outra, tipo, um anime ou um jornal, mas frequentemente eu fico vendo vídeos (.) tipo vlogs relacionado a uma coisa que eu gosto que é o *kendô* [...].

P: Então, você acha que por procurar mais animes e/ou os vídeos que você falou ter mais interesse, você considera que pratica mais a compreensão oral do que as outras habilidades?

Bru: Sim (.) de todas as maneiras de prática, eu acho que a minha audição é a melhor, melhor ainda se eu estiver vendo a pessoa que está falando. (Bru, 7º semestre, entrevista)

A habilidade de conversação, por outro lado, mostra-se difícil, mas é a habilidade julgada mais importante. Por meio da percepção do contexto em que os participantes estão inseridos percebemos as influências negativas e positivas que o ambiente tem na formação das crenças sobre a habilidade de conversação (cf. seção 4.2).

Ainda, temos as habilidades de escrita (redação) e escrita (ideograma) as quais evidenciam uma relação clara de importância atribuída e sua dificuldade. Notamos que os participantes não consideram essas habilidades fundamentais no aprendizado de JLE, mas, simultaneamente, são entendidas como difíceis. Ademais, são as habilidades que os participantes consideram secundárias de modo geral. Portanto, em alguns usos específicos, as habilidades de escrita (redação) e escrita (ideograma) poderiam gerar benefícios, o que ressalta seu aspecto secundário.

5 Considerações finais

O presente estudo propôs-se a averiguar as principais crenças sobre a aprendizagem geral de JLE e as dificuldades gerais que os alunos possuem nesse processo, além de buscar a compreensão de como é a relação desses fatores entre os alunos do curso de Letras-Japonês da UnB. Para isso, procuramos identificar as principais crenças em relação ao aprendizado geral de JLE em conjunto com as principais dificuldades referentes a um recorte de alunos do curso apresentado.

O resultado nos mostrou que os alunos demonstram, por um lado, as crenças que revelam a importância do estudo autônomo, mas, por outro lado, as crenças referentes à necessidade de aulas expositivas e práticas. Simultaneamente, vimos que eles acreditam na importância da motivação no aprendizado de JLE e que o contato com a cultura japonesa é importante para que possam adquirir a língua japonesa de forma eficaz.

Mais especificamente, quanto às crenças sobre a importância das habilidades linguísticas no decorrer do aprendizado de JLE, foi revelado que a maioria dos participantes deste estudo considerou a conversação como a habilidade mais importante no aprendizado de JLE. Ademais, outra parcela dos alunos julgou a compreensão oral e o vocabulário como de grande importância.

Enquanto os participantes consideraram a habilidade de conversação como muito importante, eles não julgaram ser fundamentais as habilidades de escrita (redação) e escrita (ideograma), tendo maior dificuldade nessas habilidades. Por se tratar de um sistema de escrita diferente do sistema utilizado na língua materna dos participantes, tal diferença pode dificultar a aprendizagem de ideogramas e redação em japonês.

Em relação à habilidade de escrita (redação), pudemos perceber que esta não se mostrou importante para os entrevistados. Por isso, constatamos, também, que é uma habilidade que costuma ser praticada usualmente em sala de aula, quando requisitada pelos professores. Ou seja, não há um ímpeto individual dos alunos no estudo da mesma. Em outras palavras, é uma habilidade a qual os alunos não entendem como fundamental, o que faz com que eles pratiquem com menor frequência. Desse modo, eles reputam a escrita (redação) como difícil apesar de que alguns alunos a percebam como uma habilidade que pode vir a ser proveitosa na aprendizagem de JLE, o que denota à mesma um aspecto secundário. Ademais, a escrita (ideograma) mostra-se com características similares às da escrita (redação), distinguindo-se pelo seu caráter de complexidade visual.

Ao contrário da habilidade de escrita (ideograma, redação), as habilidades de conversação e compreensão oral foram consideradas como as habilidades mais importantes no

aprendizado de JLE. No entanto, essas duas habilidades dissociam-se no quesito dificuldade, no qual a conversação apresenta uma considerável dificuldade, enquanto a compreensão oral se mostra a mais fácil das habilidades. Além disso, nos foi revelado que a compreensão oral é amplamente praticada, o que permite aos alunos uma grande afinidade e facilidade com essa habilidade. Por outro lado, os alunos acreditam que a conversação é uma habilidade que não é praticada em sala de aula, além de que alguns deles possuem a vergonha e medo de tentar se expressar em japonês. Em outras palavras, por mais que a conversação seja considerada mais importante que a compreensão oral, o ambiente faz com que os alunos possuam uma visão na qual a conversação é uma habilidade difícil.

Para finalizar, podemos concluir que há uma relação entre as ações que os alunos tomam em relação às habilidades linguísticas nas quais acreditam ser mais importantes. Foi possível perceber que eles buscam atitudes para se aproximarem do aperfeiçoamento dessas habilidades. Todavia, há fatores externos à vontade dos alunos que os impedem ou atrapalham a praticar as habilidades linguísticas. Em outras palavras, há uma relação de influência negativa e/ou positiva quanto às crenças e dificuldades, a qual é perceptível quando o aluno atribui a importância para uma habilidade linguística e a prática com mais ímpeto, potencializando uma facilidade em sua aprendizagem. Simultaneamente, as habilidades que não são consideradas importantes são praticadas quando há requisição externa, evidenciando uma menor prática e tornando-se conseqüentemente mais difíceis.

Diante do exposto, esperamos que a presente pesquisa contribua para o crescimento de estudos sobre crenças na aprendizagem de JLE no Brasil.

No decorrer da coleta de dados deste estudo, deparamo-nos com a pandemia da COVID-19, o que originou algumas complicações na coleta de dados. Ademais, não foi possível alcançar todos os alunos que se enquadram no escopo desta pesquisa, o que talvez pudesse nos proporcionar outras tendências de crenças e dificuldades relacionadas ao estudo de JLE.

Em relação aos tópicos abordados por esta pesquisa, cremos que seria interessante se fossem realizadas mais pesquisas que analisassem as crenças e emoções dos aprendizes em relação aos itens mais específicos, como a gramática e conversação, os quais se mostraram pertinentes no decorrer deste estudo.

6. Referências

ALMEIDA FILHO, J. C. P. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. Campinas: Pontes, 1993.

BARCELOS, A. M. F. Metodologia de pesquisa das crenças sobre aprendizagem de línguas: estado da arte. In: **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 1, n. 1, p. 71-92, 2001.

BARCELOS, A. M. F. Crenças sobre aprendizagem de línguas, Linguística Aplicada e ensino de línguas. **Linguagem & Ensino**, v. 7, n. 1, p. 123-156, 2004.

BARCELOS, A. M. F. Narrativas, crenças e experiências de aprender inglês. **Linguagem & Ensino**, v. 9, n. 2, p. 145-175, 2006.

BARCELOS, A. M. F. Crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas: reflexões de uma década de pesquisa no Brasil. In: ALVAREZ, M. L. O.; SILVA, K. A. da (org.). **Linguística Aplicada: múltiplos olhares**. 1. ed. Campinas-São Paulo: Pontes Editores, 2007. p. 27-79.

BARCELLOS, A. M. F.; SANTOS, J. C. “Não sei de onde vem essa timidez, talvez um medo de parecer ridículo”: um estudo sobre a timidez e a produção oral de alunos de inglês. **Horizontes de Linguística Aplicada**, Brasília, ano 17, n. 2, p. 15-38, 2018.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

CELANI, M. A. A. Questões de ética na pesquisa em Linguística Aplicada. **Linguagem & Ensino**, v. 8, n. 1. p. 101-122, 2005.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Tradução de Luciana de Oliveira da Rocha. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FLICK, U. **Designing Qualitative Research**. New Delhi: Sage, 2007.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução de Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FLICK, U. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes**. Porto Alegre: Penso, 2013.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

JOHNSON, D. M. **Approaches to Research in Language Learning**. 1. ed., Longman: Nova York, 1992. p. 75-103.

HORWITZ, E. K. Surveying student beliefs about language learning. In: WENDEN, A. L.; RUBIN, J. (org.). **Leaner Strategies in Language Learning**. 1. ed. Londres: Prentice-Hall International, 1987. p. 119-129.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Editora UFMG, 2008.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MICCOLI, L. Experiências, crenças e ações: uma relação estreita na sala de aula de LE. In: SILVA, K. A. da (org.). **Crenças, discursos e linguagem**, v.1. 1. ed., Campinas-SP: Pontes editores, 2010. p. 135-165.

MINAYO, M. C. de S.; DESLANDES, S. F.; NETO, O. C.; GOMES, R. (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 21. ed., Petrópolis: Editora Vozes, 2002. p. 51-66.

MUKAI, Y.; CONCEIÇÃO, M. P. Aprendendo a Língua Japonesa: crenças, ações e reflexões de uma aluna brasileira de Japonês como língua estrangeira. In: MUKAI, Y.; JOKO, A. T.; PEREIRA, F. P. (org.) **A Língua Japonesa no Brasil: reflexões e experiências de ensino e aprendizagem**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

MUKAI, Y. Crenças e necessidades em relação à escrita em japonês: nos casos dos estudantes universitários brasileiros e portugueses. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 17, n. 2, p.391-440, maio/ago., 2014.

MUKAI, Y. As pesquisas em crenças no ensino-aprendizagem de japonês como LE no Brasil. **Estudos Japoneses (USP)**, v. 36, p. 169-183, 2016.

MUKAI, Y.; SUZUKI, T. (org.). **Gramática da língua japonesa para falantes do português**. 3. ed. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2017.

OLIVEIRA, A. W. M. de. **É assim que eu escrevo**: estratégias de aprendizagem de kanji e crenças de professores de língua japonesa em formação. 2013. 163 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

PAJARES, M. F. Teachers' beliefs and educational research: cleaning up a messy construct. **Review of Educational Research**, v. 62, n. 3, p. 307-332, 1992.

ROKEACH, M. **Beliefs, attitudes, and values**: A theory of organization and change. San Francisco: Jossey-Bass, 1968.

STAKE, R. E. Case studies. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (org.). **Handbook of qualitative research**. London: Sage, 1994. p. 236-247.

SUZUKI, T. A escrita japonesa. **Estudos Japoneses** (USP), São Paulo, v. 5, p. 53-61, 1985.

SUZUKI, T. **As expressões de tratamento da língua japonesa**. 1. ed., São Paulo: Edusp, 1995.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

UR, P. **A course in language teaching: practice and theory**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

WENDEN, A. L. An introduction to metacognitive knowledge and beliefs in language learning: beyond the basics. **System**, v. 27, p. 435-441, 1999.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Tradução de Daniel Grassi. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO

Crenças sobre as dificuldades dos alunos no aprendizado de japonês como língua estrangeira

Dados pessoais

Nome:

Pseudônimo:

Semestre:

Idade:

Sexo:

Nível de japonês: N5, N4, N3, N2, N1

Tempo de estudo:

Já morou no Japão? Se sim, por quanto tempo e quando?

E-mail:

2. Marque a opção qual você acredita ser mais importante no estudo de japonês.

- 1) Gramática
- 2) Escrita (ideograma) e redação
- 3) Vocabulário
- 4) Leitura
- 5) Compreensão oral
- 6) Conversação
- 7) Gramática do discurso (uso adequado de *ます*, *敬語*, etc.)

3. Justifique sua resposta.

4. No que se refere à aquisição do japonês como língua estrangeira, assina as seguintes afirmativas de acordo com seu grau de concordância:

1. Concordo plenamente; 2. Concordo; 3. Não concordo nem discordo; 4. Discordo.
5. Discordo plenamente.
- 1) Tradução é importante.
- 2) Japonês é a língua mais difícil.
- 3) Estudar sozinho é importante.
- 4) É possível aprender japonês sem aprender gramática.
- 5) Livros didáticos são importantes.

- 6) Aulas expositivas são importantes.
- 7) Algumas pessoas são mais aptas que outras no aprendizado de japonês.
- 8) Aulas práticas são importantes.
- 9) Motivação é importante.
- 10) Estar em contato com a cultura ajuda na aquisição do idioma.
- 11) Ter contato com nativos é importante.
- 12) A língua japonesa me soa estranha de difícil compreensão.
- 13) Só é capaz de conseguir fluência na língua quem fez intercâmbio ou viaja constantemente para o Japão.
- 14) Qualquer um é capaz de conseguir fluência na língua japonesa.
- 15) É importante fazer produções escritas.
- 16) É importante entender o funcionamento da língua para fala.
- 17) É mais importante saber ler ideogramas do que escrever.
- 18) Aprender japonês não é difícil.
- 19) A pronúncia do japonês é difícil.
- 20) As palavras são difíceis de aprender.
- 21) Ler muito é importante para aprender japonês como língua estrangeira.

5. No que se refere ao seu aprendizado do japonês como língua estrangeira, assina as seguintes afirmativas de acordo com seu grau de concordância:

1. Concordo plenamente; 2. Concordo; 3. Não concordo nem discordo; 4. Discordo.
5. Discordo plenamente.
- 1) Pratico japonês de modo geral.
- 2) Estudo a gramática.
- 3) Estudo os ideogramas japoneses.
- 4) Estudo o vocabulário.
- 5) Leio textos em japonês.
- 6) Pratico a compreensão oral.
- 7) Pratico a conversação em japonês.
- 8) Estudo a gramática do discurso.
- 9) Sei bem a gramática (no seu nível).
- 10) Sei bem os ideogramas japoneses (no seu nível).
- 11) Sei bem o vocabulário (no seu nível).
- 12) Sei ler bem textos em japonês (no seu nível).
- 13) Entendo quando falam em japonês (no seu nível).

14) Sei a gramática do discurso (no seu nível).

15) Considero-me muito apto no aprendizado de japonês.

16) Esforço-me muito para aprender japonês.

6. Marque de acordo com as dificuldades que você tem no aprendizado de japonês.

1. Muito difícil; 2. Difícil; 3. Não é fácil nem difícil; 4. Fácil; 5. Muito fácil

1) Gramática

2) Escrita (ideograma)

3) Redação

4) Vocabulário

5) Leitura

6) Compreensão oral

7) Conversação

8) Gramática do discurso (uso adequado de *ます*, *敬語*, etc.)

7. O que você faz para superar essas dificuldades?

APÊNDICE B

ORIENTAÇÕES PARA O AUTORRELATO PARA OS ALUNOS DO SEXTO E SÉTIMO SEMESTRE DO CURSO DE LETRAS-JAPONÊS

Autorrelato:

Este autorrelato tem como intuito uma coleta de dados para a pesquisa “Crenças sobre as dificuldades dos alunos no aprendizado de japonês como língua estrangeira”. Gostaríamos que relatassem os pontos altos e baixos do seu aprendizado como indivíduo e como aluno, o que você acredita ter que melhorar e por que acredita nisso.

Não precisa poupar palavras. Conforme esclarecido nos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) anteriormente, o seu nome não será divulgado.

APÊNDICE C

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA DISCENTES

- I. O que você acha mais difícil na língua japonesa? Por quê?
- II. O que você acha que levou a achar isso difícil?
- III. Como você busca contato com a língua japonesa?
- IV. Você se sente à vontade para se comunicar em japonês dentro da sala de aula e fora quando tem oportunidade?
- V. Como você pratica a escrita do japonês, ideograma e redação?
- VI. Como você estuda conversação e compreensão oral?
- VII. Acha que seu método de estudos é eficiente?
- VIII. Qual o papel da UnB e dos professores no seu aprendizado de JLE?